

figa

> A peça

Pendente em marfim, em forma de figa, com cerca de 3,5 centímetros de comprimento e 1,2 centímetros de largura.

Profusamente decorado, a peça encontra-se repartida em 3 segmentos: na parte terminal possui a representação de mão na qual o polegar se encontra disposto entre os dedos indicador e médio; na parte intermédia, simétrica, observam-se duas golas, com sulco central, separadas por dois segmentos troncocónicos divergentes; a parte proximal, mais delgada, tem forma trapezoidal e uma perfuração ao centro.

Apresenta ligeiros sinais de desgaste.



Figa BPLX - CDL 3 | © M. Farinha

✓ O grupo

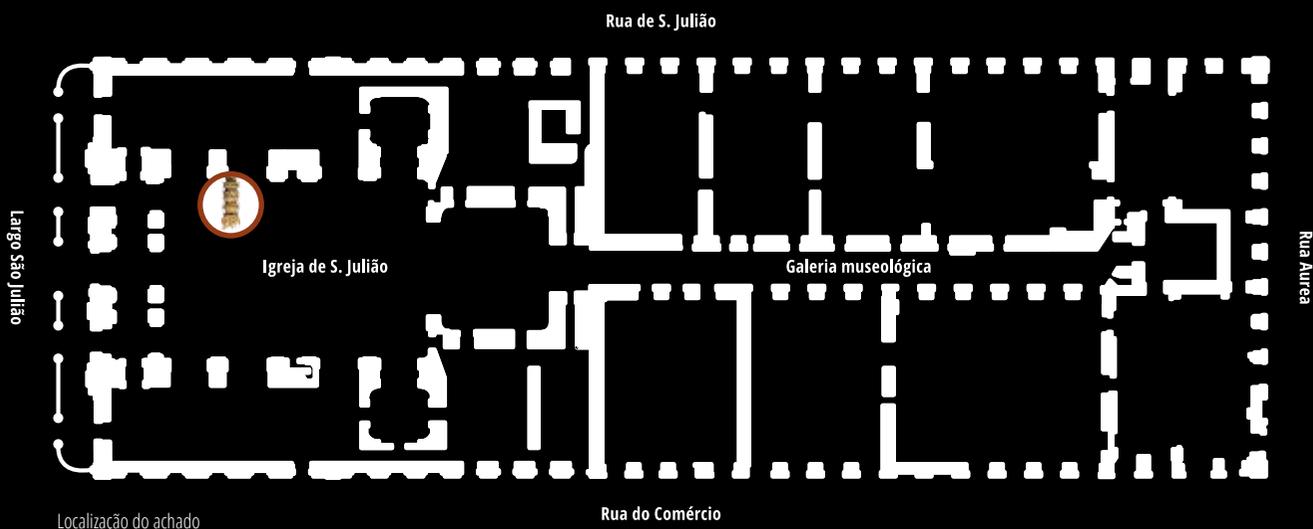
A presença de amuletos ou objetos de carácter supersticioso nos contextos arqueológicos é uma realidade cuja origem remonta às primeiras manifestações culturais pré-históricas e acompanhou de perto os registos das diversas civilizações humanas, num percurso em que se desmultiplicaram nos mais diversos tipos e gramáticas decorativas.

Os primeiros amuletos da família das figas remontam à Antiguidade Clássica, época em que se relacionavam com rituais de fertilidade, representando a penetração do órgão sexual masculino, o dedo polegar, no órgão sexual feminino, dedos indicador e médio. Na Grécia Antiga e no Império Romano, a sua representação conjugou-se várias vezes com outros símbolos de forte conotação sexual.

Com o passar dos tempos e a sua expansão a novas culturas, o significado da figa evoluiu de formas divergentes. Se por um lado, hoje pode ser associado à proteção contra o mau-olhado e outros malefícios em geral, como nos casos das culturas afro-brasileira e portuguesa, por outro, a manutenção da sua carga sexual intrínseca redundou numa apreciação negativa e pejorativa, como é o caso de várias regiões da Europa mediterrânica.

Reconstituições 3D | © Illusive





^ O achado

Esta figa foi recolhida nas camadas de aterro na base da sequência estratigráfica da Igreja de São Julião, na zona norte da nave central.

Embora esta camada tenha sido depositada no final do século XVIII - início do XIX, durante a reconstrução pombalina da Baixa, os materiais que ali foram incorporados são datáveis de época mais antiga, alguns dos quais romanos e outros da fase pré-terramoto de 1755. Desta forma, pode-se deduzir que o uso desta figa terá ocorrido algures num hiato temporal compreendido entre a época romana e a primeira metade do século XVIII, com maior grau de probabilidade nesta última fase.

✓ Outras informações

Apesar de ter sido usada numa época anterior à construção da Igreja de São Julião, a descoberta desta figa num espaço religioso não deixa de simbolizar a sobrevivência, a mutação e absorção de várias tradições e superstições milenares, algumas das quais entrariam originalmente em conflito direto com os valores defendidos pelo Clero.

Como seria expectável, contudo, a esmagadora maioria dos objetos de carácter religioso identificados na escavação arqueológica estão relacionados com o culto católico, visto o espaço da Igreja albergar uma vasta necrópole com mais de trezentas ocorrências, na qual alguns dos indivíduos ali inumados se fizeram acompanhar de símbolos como crucifixos, medalhas e outros pendentos.

